

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$500	1\$900	650	5120
Possessões ultramarinas, (idem)	4\$000	2\$000	-	-
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-	-
Brazil (moeda fraca)	15\$000	7\$500	-	-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 93

21 DE JULHO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LOURETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO. — Expedição Mineralogica Paiva d'Andrada, LUCIANO CORDEIRO. — José Alberto de Oliveira Anchieta, BRITO REBELLO. — Os Banianes em Moçambique, AUGUSTO DE CASTILHO. — As nossas gravuras. — Campanha do Transvaal, AUGUSTO DE CASTILHO. — Congressos Anthropologico e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — Recordação de meus paes, M. AL-

VES DE SOUSA. — Actualdades Scientificas, Caminho de Ferro Electrico, R. — Publicações.

GRAVURAS. — A Expedição Mineralogica Paiva d'Andrada na Zambesia. — Costumes Portuguezes, Camponezas das margens do Mondego atravessando o rio a val. — Africa Portuguesa, Moçambique, Habitações dos Banianes. — Russia, Expulsão dos Judeus, Familias Israelitas refugiadas no pateo do governador de Kieff. — Setubal, vista da Barra. — Caminho de Ferro Electrico em Lichterfeldt. — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Appareceu agora no nosso pequenino mundo litterario, a cortar a aridez escassa de assumptos da vida de Lisboa, n'estes mezes de verão, uma questão grave, melindrosa, em que anda envolvido o nome de um dos mais notaveis escriptores do nosso paiz — o sr. Antonio Ennes.

Trata-se nem mais nem menos do que de uma accusação formal, nitidamente accen-



A EXPEDIÇÃO MINERALOGICA PAIVA D'ANDRADA NA ZAMBEZIA
(Segundo uma photographia enviada de Aden)

tuada, aparentemente comprovada de plagiato practicado por Antonio Ennes no drama o *Luxo*, plagiato acompanhado de todas as aggravantes a concluir pela de imbecillidade.

Ora nós não estranhamos inteiramente nada a accusação. Já a esperavamos, tanto mais que é costume acompanhar ella todos os *successos* theatraes do nosso paiz.

A *Morgadilha de Valflôr* de Pinheiro Chagas tem sido attribuida a todos os auctores francezes, italianos hespanhoes, a toda a gente, em suma, menos a elle. A *Helena*, a *Judia* o *Drama do Povo*, como tiveram *successo* inferior, por varias rasões, que não veem para aqui discutir, essas são d'elle com certeza; mas já a *Magdalena*, por exemplo, que agradou immenso, não é d'elle, não senhor, é tambem de muitas outras pessoas, e nomeadamente, já se disse até em letra redonda, é traduzida d'uma peça italiana, a qual peça foi escripta e representada dois ou tres annos depois da *Magdalena* se representar em Lisboa.

Uma peça do sr. Rangel de Lima, *Como se enganam mulheres*, que fez epocha no Gymnasio era tambem plagiada. Essa era plagiada do allemão, e até se chegou a dizer que o original ia ser traduzido e posto em scena n'um theatro qualquer. Nunca appareceu, porém. Foi pena.

O *Sapatinho de Setim* de Fernando Caldeira, que teve um grande *successo* representado nas Variedades pela Lucinda, era todo roubado, todo, scena por scena, phrase por phrase. Um sujeito até nos chegou a dizer de que peça era, tinha-a lá em casa — tem um fardo de perdigueiro, estes sujeitos — era dos *Souliers de Bal*.

Concordámos logo, tanto mais que conheciamos perfeitamente a peça d'onde a comedia em tres actos de Fernando fôra plagiada scena por scena, os *Souliers de Bal*, exactamente, uma comedia em que só entram duas mulheres, e que tem apenas um acto!

O *Grande homem* de Teixeira de Queiroz, outro plagiato, esse é do hespanhol.

E nós, na nossa humilde obscuridade tambem nos temos fartado de roubar. O nosso primeiro original, uma comedia em 3 actos, *Debaixo da mascara*, era uma traducção flagrante dos *Petites amoues* que se representou em Paris seis annos depois da nossa se dar no Gymnasio e um drama em cinco actos, a *Giganta Gollux*, que perpetrámos em collaboração com Jayme Batalha Reis e Eça Leal, era palavra por palavra, um drama hespanhol de que não me lembra já o titulo.

O que me lembra ainda é a alegria que nós todos tres tivemos no dia em que nos fizeram essa revelação. Ao menos já não eramos só nós tres que tínhamos que acarretar com a responsabilidade d'aquelle tragico drama, havia já uma creatura humana que tinha cahido em prepetrar aquelles cinco actos antes de nós.

Que jubilo infindo!

O proprio sr. Antonio Ennes não é este o primeiro plagiato que faz. O *Saltimbanco*, por exemplo, é um roubo de fio a pavio. Ao principio era roubado ao drama *Paillasse*. Depois, no anno passado, o *Paillasse* foi traduzido e representado na Rua dos Condes, e como se não parecia nada com o *Saltimbanco*, o *Saltimbanco*, passou forçosamente a ser plagiado d'outra peça qualquer.

O que é porem muito original — e isto juramos que não é plagiado de litteratura alguma conhecida — é que ao passo que a critica se esforça em provar que todas as peças originaes são traduzidas, a mesma critica gasta todo o seu latim e toda a sua logica — não é grande despesa — para provar que as peças traduzidas são originaes, como aconteceu ainda ha pouco tempo com o *Asmodeu* e *La Part du Diable*.

Ora está provado que desde o momento em que a accusação de plagiato acompanha sempre todas as peças originaes — as de *successo*, porque, as que caem, essas nem á mão de Deus Padre podem ser traduzidas — quem tem a coragem de escrever para o theatro na nossa terra deve contar com essa accusação muito mais ainda do que com os direitos de

auctor, e recebel-a como os noivos recebem os confeitos que lhes atiram.

Esta accusação passou a ser um elogio; é uma maneira de applaudir como qualquer outra.

Os inglezes quando vão ao theatro e gostam batem com os pés: estes sujeitos quando gostam dizem — *plagiato; plagiato!* como outras pessoas dizem *bravo! bravo!* e o author não tem mais que agradecer-lhes.

«Esta peça é roubada!» é na nossa linguagem d'hoje uma locução perfeitamente admittida e que quer dizer — Esta peça é magnifica.

Deus me livre, — e Deus livre os theatros — quando ou fizer uma peça, que todos sejam unanimes em concordar em que ella é minha!

— A accusação feita a Antonio Ennes é porem aparentemente mais grave porque é formulada com toda a nitidez e precisão.

Diz-se a peça onde elle foi procurar o seu assumpto; os personagens d'onde elle copiou os seus personagens, as situações onde elle foi buscar as suas situações, citam-se os nomes dos personagens que na peça franceza correspondem aos da peça portugueza, as scenas que são parecidas, os sentimentos que são identicos, e tudo isto de fórma que, para quem não conhecer o brilhante talento de Antonio Ennes, e a probidade sem macula do seu caracter, quem não conhecer a vida litteraria gloriosa e honrada do escriptor, a vida particular digna, direita, honesta, do homem, e ao mesmo tempo não conheça o *Luxe* de Jules Lecomte, a accusação é gravissima e irrespondivel.

Para que a accusação caia por terra bastam porem duas coisas: conhecer Antonio Ennes, e a sua importante obra theatral, ou ler a peça de Lecomte.

Desejamos, porém, aos nossos leitores a primeira d'estas causas, porque conhecem um excellent rapaz cheio de talento e de probidade e porque no fim de tudo o *Luxe* de Lecomte é uma peça mediocre, que tem scenas deliciosas de comedia, mas que nas scenas dramaticas é frouxa, e banal, o que justifica a queda que ella teve quando ha um bom par d'annos o theatro de D. Maria a representou traduzida por Ernesto Biester.

— Apesar de simplesmente termos tocado ao de leve n'esta questão de plagiatos tão velha nas nossas letras, gastámos com ella grande parte da nossa chronica.

Os assumptos da semana não perderam inteiramente nada com isso, porque n'estes oito dias houve trovoadas, houve chuvas, houve calor, houve tudo menos assumptos. E' verdade, houve tambem reprovacoes, e isso tem levantado uma grande bulha em Lisboa, porque sem discutirmos se a nova lei de instrucção publica é boa ou má, — uma viagem que nos levaria muito longe e que não se pode fazer sem muita bagagem — o que na practica se está mostrando é que é dura.

Ha uma coisa latina que se devia escrever aqui, e que daria grande valor a esta chronica, mas que eu não escrevo porque tenho pelo latim o mesmo odio que o sr. Gomes Leal tem agora pelo imperador da Russia.

Entretanto, o que eu não posso deixar de achar muito original é que fosse necessario sahír uma duzia de rapazes reprovados, para resaltar da lei toda a recua de defeitos que os olhos vigilantes dos altos encarregados da fabricação e circulação das nossas leis nunca divisaram.

Estando residindo em Lisboa o sr. Van-der-Lan, o sr. Mascaró, e havendo na rua do Ouro a loja do sr. Ribeiro tão bem fornecida, não comprehendemos que desculpa poderão apresentar os nossos legisladores.

— Estão ali por essas ruas grandes cartazes annunciando o novo poemeto o *Hereje* do sr. Gomes Leal.

Como a *Traição*, e mais ainda que ella, o *Hereje* abunda em versos esplendidos e revela em certos cantos, sobre tudo no da Forca, um talento poetico de primeira ordem.

O exemplar do folheto que temos aqui, tem na capa já 2.^a edição.

Se o sr. Gomes Leal está mais um mez na cadeia, sac de lá millionario.

O peor é que o notavel poeta está abrindo um pessimo exemplo.

D'aqui em diante nenhum editor portuguez comprará livro algum sem tratar dias antes de o livro apparecer á venda de metter o auctor no Limociro.

GERVASIO LOBATO.

EXPEDIÇÃO MINERALOGICA PAIVA D'ANDRADA

«Ha minas d'ouro no Zambese, e havendo-as serão ellas utilmente exploraveis? Existem realmente ali as maravilhas de que nos teem fallado? É certo o que nos teem dito alguns viajantes, da fertilidade do solo, e dos recursos que a região offerece ao commercio?»

Estas palavras de um dos relatores da Sociedade dos fundadores da *Compagnie générale du Zambese* determinam o fim e o caracter da expedição Paiva d'Andrada, ou mais propriamente da expedição que essa Sociedade enviou aos territorios a que se referem as concessões obtidas pelo nosso intelligente e activissimo compatriota, que por largo tempo fiseram as delicias da nossa pequena politica.

Nunca se fallou tanto no Zambese, como então! . . .

Que de cousas espantosas se disseram e escreveram d'um ao outro extremo do paiz, e quantas revelações curiosas se destacaram d'essa discussão violenta, envoltas nos maliciosos sorrisos dos poucos que até então não tinham podido acreditar que tantos politicos illustres soubessem realmente da existencia das regiões Zambesicas! . . .

Mas não fallemos n'isso, agora; nem façamos sequer a historia do que depois succedeu, para que não aconteça insinuar-se-nos na singella narração dos factos alguns d'esses sorrisos impertinentes que possa ser averbado de pouco generoso.

Antes de organizar definitivamente a grande companhia destinada a explorar as concessões Paiva d'Andrada, entenderam os fundadores que deveriam enviar aos territorios a que ellas se referem uma expedição de reconhecimento, dando a preferencia á questão mineralogica, que uma vez resolvida em sentido favoravel, seria a melhor e a mais segura base para aquella formação.

O pessoal d'essa expedição que a nossa estampa representa, formou-se dos seguintes individuos:

Paiva d'Andrada e marquez de Gourgues, os directores geraes da expedição, os representantes directos da Sociedade. Ambos elles conhecem a região a explorar, e á intelligente actividade que os caracteriza e á perfeita confiança que merecem dos interessados, reúnem condições e relações especiaes que devem facilitar-lhes o exito do empreendimento.

A direcção technica foi entregue a Henri Kuss, engenheiro do corpo de minas, que tem como excellent preparação para o caso uma pesquisa de minas d'ouro que fez no Uruguay.

Sob as suas ordens trabalham Emilio Lapierre, antigo e distincto alumno da escola de Saint-Etienne, que esteve oito annos ao serviço da Companhia hulheira e de fundição de Aveyron, como engenheiro, chefe de serviço da mina de Rulhe e sub-director da Companhia; — e Emilio Durand, engenheiro d'artes e manufacturas, repetidor e professor suplente de chimica e physica da Eschola agricola de Grignon, que dirigiu durante sete annos pesquisas e exploração de ouro, de prata e de mercurio na California.

Temos depois estes:

— Paul Guyot, alumno da escola industrial de Nancy;

— João Paulo Avoirieu, mestre mineiro em Decazeville;

— Astruc e Cahal, mineiros — *boiseurs* que já trabalharam em Decazeville e nas minas de Mokta el-Hadid.

— Antonio Martinez e Miguel Vicente, lavadores d'ouro em Granada, tendo o ultimo feito parte d'uma exploração aurifera no Senegal.

— Carlos Courret, encarregado da contabilidade, que foi já n'uma expedição scientifica a Samatra.

— Emilio Gaffard, *interne* em pharmacia e estudante de medicina nos hospitaes de Paris.

— Rigail de Lastours, aggregado á expedição, especie de quartel mestre.

E' textualmente a lista que nos dá o relatório da Sociedade, a que nos referimos.

Resumamos as instrucções respectivas.

O fim da expedição é a pesquisa de minas d'ouro, e de jazigos hulheiros, e em geral das riquezas mineraes, agricolas e florestaes que possam existir nos terrenos das concessões. As primeiras explorações serão feitas na região de Macanga, seguindo-se as de Sena, Tete, Mazoa, e Zumbo onde se affirma existirem jazigos auriferos, e simultaneamente as zonas carboníferas de Tete, e dos vales do Zambese e do Chiri.

O quartel general da expedição será Tete. O conselho da expedição ficou composto dos srs. Paiva, Kuss, Lapiérre, Durand, Gourgue, e Courret.

A Sociedade considerou de importancia secundaria o estudo das riquezas agricolas, florestaes e hulheiras, pondo na frente de todos os trabalhos a emprender a pesquisa do ouro, e accentuando nas suas instrucções que não se tratava de fazer descobertas exclusivamente scientificas, mas de colher resultados de caracter industrial e de realisação pratica de natureza que justificassem um appello aos capitães.

Pelos modos em França, — não na França ideal de certos patricios nossos, é claro, — como aqui, os capitães não querem saber da sciencia senão para lhe explorar as conquistas... que ella ha de fazer sem os incomodar.

No fim de novembro a expedição que partiu em março, ha de estar de regresso na Europa. Terá pois nove mezes apenas, para todos os trabalhos, incluindo as viagens d'ida e regresso, e não sómente todos os fundos sociaes foram empenhados n'este empreendimento, mas credito algum se abrirá fóra do quadro determinado e contractado das despesas especiaes da expedição.

Ora a situação financeira em 20 d'Abri! era a seguinte:

Material: fr.	11,793,40
Provisões (incluindo as fazendas que devem servir de moeda)...	53,888,60
Gastos geraes	13,943,40

Eis as contas credoras d'alguns dos expedicionarios:

P. d'Andrada, frs.	17,998,15
De Gourgues	12,333,31
Lapiérre	20,000
Kuss	20,000
Durand	9,000
Courret	6,000

Assim, pois os engenheiros de minas, receberam, liquido, por esta exploração de 8 a 9 mezes (á parte transportes, alimentação) 3 600\$000 réis cada um.

LUCIANO CORDEIRO.

JOSÉ ALBERTO D'OLIVEIRA ANCHIETTA

III

Havia na Escola Polytechnica em tempo de Anchietta, tres individuos de bastante intelligencia; todos tres muito amigos e todos tres assás excéntricos, a que alguns chamavam a trindade. Um, infelizmente, deixou de existir e d'elle tratámos no nosso volume 2.º, pag. 76 a 80, era Felix Capello, o segundo era Anchietta, o outro Francisco A. Pinheiro Baião. Por uma coincidência singular, todos tres lustraram a Africa com a sua presença, encontrando-se ainda lá, em circumstancias pouco risonhas, os dois ultimos.

Fôra Felix Capello para Cabo Verde em 1854, como no artigo referido se disse, e algum tempo depois Anchietta, desejava não só de ver o seu amigo, mas tambem de ver novos climas e novas terras, partiu para aquella possessão.

Estava ali havia algum tempo já, com a mania de naturalista formando collecções e estudando aquella natureza, pouco explorada ainda, quando sobreveiu a epidemia do cholera-morbus ou febre amarella na ilha de Santo Antão. Anchietta, por inclinação e gosto, havia seguido os estudos de medicina como amador, e este successo veio collocar-o nas circumstancias de empregar os seus conhecimentos. A epidemia lavrava fazendo centenares de victimas. Anchietta partiu para Santo Antão, d'onde todos fugiam.

Largo campo se abriu então para o nosso explorador patentear os ricos thesouros da sua alma e da sua intelligencia.

Junto ao leito de alguns amigos, proximo á palhoça dos pobres, via-se Anchietta soccorrendo-os, fortificando-os, consolando-os até que os salvava, ou a morte lh'os arrebatava. Levou a tanto a sua dedicacão, que elle e o seu amigo Assis de marinha chegaram a enterrar alguns, por não haver quem o fizesse ou a isso se prestasse; um d'elles foi Henrique Guibara.

Emfim, achou-se só. Tudo tinha morrido ou fugido. Um cordão sanitario fora estabelecido com o fim de impedir a passagem da ilha de Santo Antão para as outras ilhas. Anchietta havia terminado a sua missão de caridade. Restava-lhe a miseria e a fome. Internou-se na ilha, subiu e desceu montes; o fato já era todo farrapos, as botas já não tinham solas; com os pés em sangue, foi-lhe ainda auxilio um negro que lhe vendeu um par de sapatos para poder andar.

Ao cabo de um trajecto penosissimo, veio em encontrar-se em uma praia; d'ahi viu passar um vapor francez, accenou, fez signaes; foi visto do navio, uma lancha vogou a buscal-o, e roto, esfrangalhado, morto de fome e de cansaço, foi recebido a bordo!

Chegou depois d'estes rudes trabalhos a Lisboa, deixando em Cabo Verde os seus livros e a sua rebeça, unicas coisas que lamentava!

Ainda não tinhamos dito que Anchietta, apesar de amar os livros mais que todos os haveres, mais que a propria vida, consagrava igual paixão á sua rebeça. N'este instrumento não era só amador, era — não sabemos se ainda o é — artista distinctissimo, sublime até, um professor de concerto. Só o ignora quem o não conheceu por aquelles tempos.

No meio dos seus trabalhos, dos seus soffrimentos, dos seus incommodos, passar d'este ou d'aquelle modo, vestir d'esta ou d'aquelle maneira, tudo lhe era indifferente; consolação, refrigerio, alento constante eram os livros, e depois d'elles a rebeça.

Olhem o seu retrato. Quem hoje contempla aquella fronte espaçosa, aquelles olhos vivos e encovados, aquellas faces seccas e como que chupadas, não imagina, não póde julgar que aquelle homem fosse um mancebo sympathico, galante até. Não admira! Os seus proprios amigos e collegas o ignoravam ás vezes. Anchietta sem attenção para consigo apparecia mezes de chapéu russo, fato mal cuidado, empoado, gravata em desalinho, colleirinhos anarrotados, cabello revolto e emmaranhado, não interessando pelo seu exterior. Decorriam seis mezes, quatro, tres, encontrava a gente o Anchieta de bota de polimento, badine, fraque bem talhado, collete e calça branca, se era verão, chapéu lustrosissimo, colleirinho e punhos da mais nitida alvura, cabello de corte elegante, emfim um todo irreprehensivel; fixava-o a gente e então reconhecia que aquelle rapaz indifferente, philosopho, como se lhe chamava, era um moço bem posto, bonito até.

Estas transformações duravam pouco. Por isso não nos admira que Serpa Pinto o encontrasse no meio dos sertões de Africa, de casaca preta a caçar bicharocos; em a casaca se gastando estará em mangas de camisa ou de japona, e da mesma maneira desembarcaria indifferente em Lisboa.

IV

O aspecto d'aquella epidemia tinha despertado n'elle mais ainda as disposições medicas e cirurgicas da sua natureza. Algum tempo depois de estar em Lisboa partiu para Inglaterra, com destino a obter a formatura n'aquella sciencia.

Seguiu alli com attenção e profunda os cursos publicos, visitava assiduamente os laboratorios, os theatros anatomicos, vendo, estudando e praticando como qualquer medico. De Londres, onde esteve perto de um anno, passou a França, seguindo o mesmo systema de vida. A sua sciencia era já muita ainda apesar da falta de curso regular, e obteria de certo a formatura independente da frequencia, se a falta de meios o não obrigasse a retirar do estrangeiro, para onde fora a contragosto da familia.

Faz pena ver tantos esforços, tanto trabalho, tanta lucta, tanta privação para se conseguir um fim, e quando este está quasi alcançado ter que desistir d'elle pela falta de meios!

Depois de tudo isto que abateria o animo de outro qualquer, Anchietta appareceu em Lisboa com o mesmo aspecto risonho, a mesma indifferença philosophica pelos transtornos ou confortos da vida, que sempre o acompanhou desde a juventude.

Então, porém, revelou-se em muitas occasiões o homem superior, que despresava a vida nas inclementes paragens de Santo Antão. Em alguns actos publicos a que assistiu, em algumas discussões em que entrou, patenteou, ainda diante de homens consuminados, o seu muito talento, a sua vasta sciencia.

Aquelles mesmos que julgavam que por não ter um curso regular de estudos, elle não podia entrar em qualquer certame scientifico, tiveram que confessar o seu engano, e reconhecer a sua cultivada intelligencia.

Em breve aborreceu-se da capital e partiu de novo para a Africa. Apenas alli chegado, deixados os ocios das povoações do littoral, discorreu pelos sertões entregando-se á sua occupação favorita, o estudo da natureza.

Pouco a pouco foi colhiendo, organisando, e completando varias collecções da fauna e flora africana, nomeadamente das especies desconhecidas ou menos conhecidas.

No entanto a fama dos seus serviços em Santo Antão havia-o precedido, e não só o indigena como tambem o europeu disputavam a vantagem de serem tratados em suas enfermidades por José Anchietta.

Observador paciente, enfermeiro infatigavel, sempre felicissimo no tratamento dos seus doentes, achavam-se as auctoridades satisfeittissimas quando, na falta de facultativos, se viam necessitados a encarregar-o officialmente de exercer funcções medicas.

Não obstante o seu desprendimento e indifferença por qualquer retribuicão, muitas pessoas o gratificavam generosamente, e com os recursos que d'estas gratificações auferia, e com as dos vencimentos officiaes se sustentava, empregando a maior parte d'esses proventos nas despesas inherentes ás suas collecções.

Muitas vezes uma ave ou outro qualquer animal era para elle a retribuicão mais estimada e preferida.

Cinco annos viveu assim em Africa, voltando ao cabo d'elles a Lisboa, possuidor de um rico thesouro: — uma preciosa e valiosissima collecção que offereceu ao museu da Escola Polytechnica!

(Continúa)

BRITO REBELLO.

OS BANIANES EM MOÇAMBIQUE

O commercio na provincia de Moçambique está desde tempos immemoriaes monopolizado pelos banianes da India que se estabeleceram em todos os portos.

São os banianes uma casta especial de indios essencialmente pacificos, de costumes sobrios, e unicamente guiados nos seus movimentos pela ambição do lucro pecuniario. Pela sua religião não podem os banianes alimentar-se de ser algum animal, resumindo-se apenas a vegetaes, manteiga do leite de bufala e mesmo de vacca, toda a lista das suas porcas

COSTUMES PORTUGUEZES



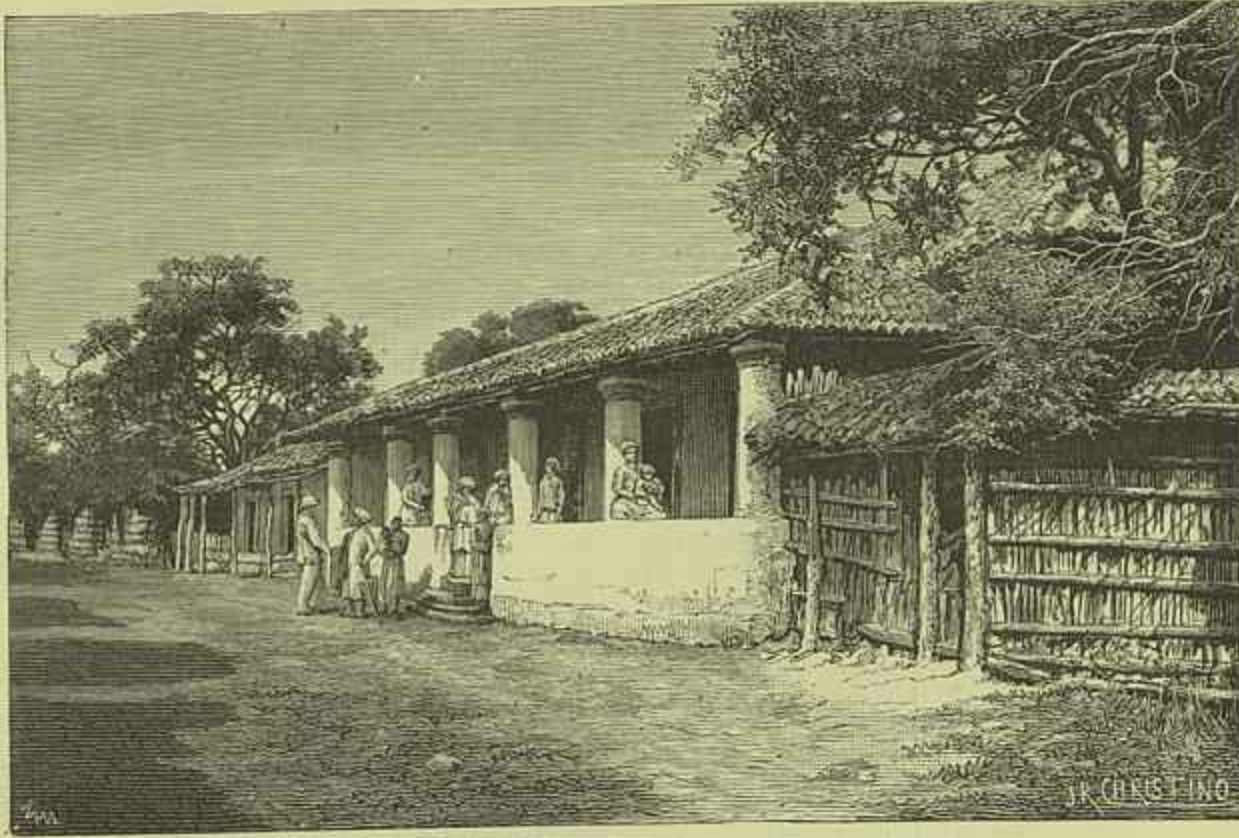
CAMPONEZAS DAS MARGENS DO MONDEGO ATRAVESSANDO O RIO A VAU (Desenho de M. de Macedo)

e frugas iguarias. Um baniano não só não pôde matar qualquer animal, mesmo que seja damminho, mas até tem obrigação de o defender e proteger se o vir em perigo. As aranhas, os ratos, os cães lázarentos, as osgas e outras sevandijas encontram completa impunidade nas casas dos banianos, e por isso estas são sempre ascorosas e repugnantes.

Se a estes defeitos filhos propriamente de uma religião extravagante, juntarmos os hábitos indolentes resultantes do clima, e a sordidez innata n'aquellas castas, tudo dominado pela ambição insaciavel do ganho, veremos o motivo que faz dos banianos uns entes sordidos, pouco azeiados, com menos brio, sem dignidade viril de especie alguma.

A mesma religião que prohibe aos banianos o matar uma tarantula, prometta-lhes grandes glorias, n'uma vida futura se n'esta conseguirem enganar o maior numero de christãos. E por isso que nas transacções com estes sujeitos todo o cuidado é pouco para frustrar as diligencias das suas astutas e flexiveis consciencias. Com o modesto viver dos banianos, é claro que as despesas não são grandes, e por isso a concorrência que

AFRICA PORTUGUEZA



QUILIMANE — HABITAÇÕES DOS BANIANES (Segundo uma photographia)

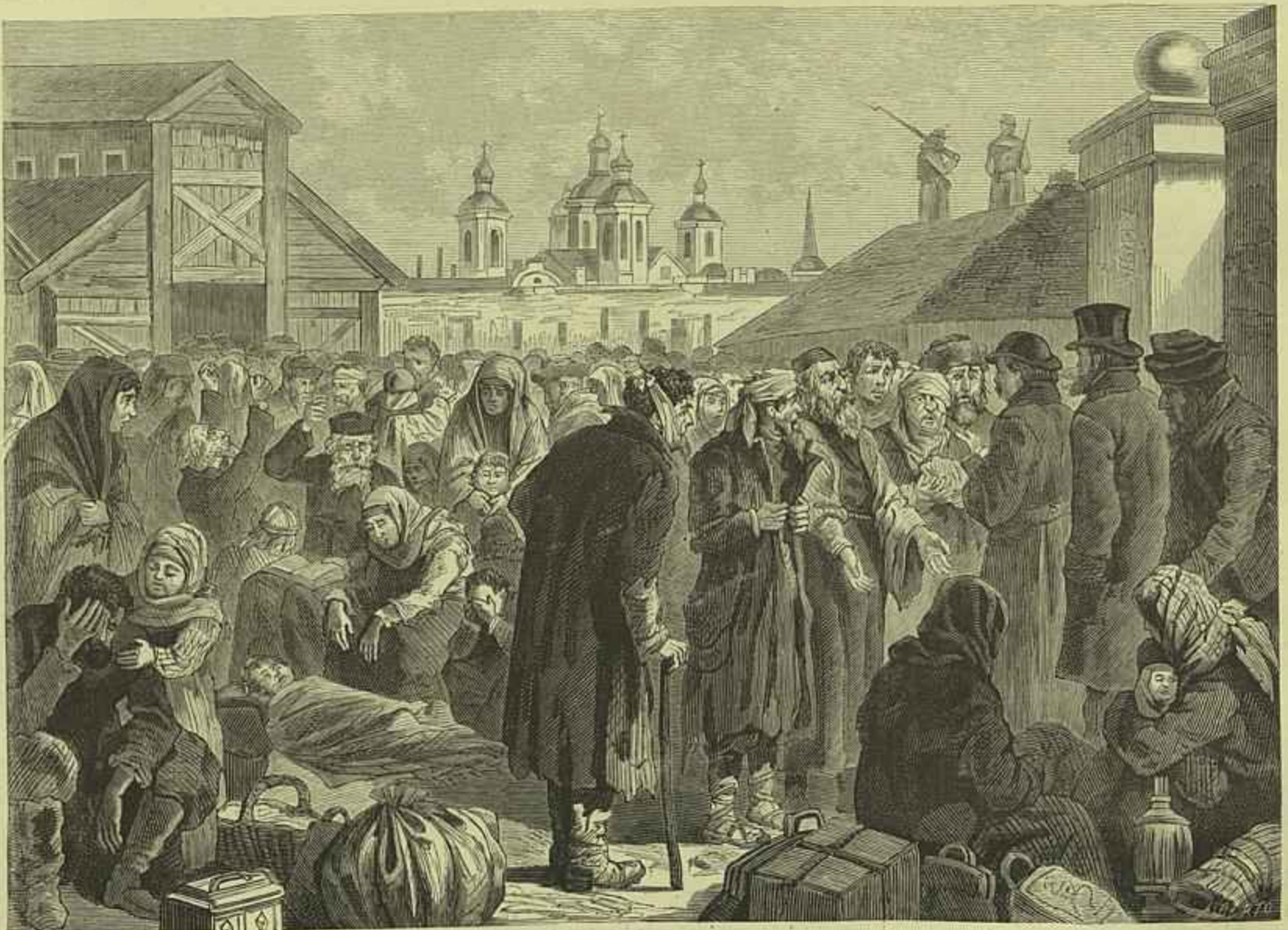
elles aos negociantes europeus podem oppôr é tremenda e sempre em prejuizo d'estes ultimos.

Os banianos recebem da India, de Bombaim e de Damão e Goa, os seus suprimentos em fardos de fazendas de algodões brancos e pintados, contaria, etc., e mandam em retorno, o marfim de elephante de ca-

não terão os banianos deixado n'aquelle paiz o menor vestigio da sua estada durante mais de tres seculos.

A nossa gravura representa a casa de um boneane na villa de Quilimane.

AUGUSTO DE CASTILHO.



RUSSIA, EXPULSÃO DOS JUDEUS — FAMILIAS ISRAELITAS REFUGIADAS NO PATEO DO GOVERNADOR DE KIEFF

AS NOSSAS GRAVURAS

CAMPONEZAS DAS MARGENS DO MONDEGO
ATRAVESSANDO O RIO A VAU

O rio ainda não cobre de lés a lés os campos agora verdejantes. Os juncos rasteiros esmaltam aqui e ali a superfície das águas. A veia deriva fácil por entre as pedras e as plantas com sonoro murmúrio. Ainda ha pouco bramando e espumante, galgava veloz e furioso por fora do leito tornando perigosa a navegação, agora uma criança o atravessa, e o pobre barqueiro, tem que saltar vinte vezes do barco, para lhe abrir caminho com a enxada por meio da areia, ou empurrar com o peito, não como Venus em Mombaça para impedir que os navios fossem ávante, mas a fim de o fazer subir ou descer a corrente, tão baixa e minguada que apenas de corrente conserva o nome.

A ponte é longe, as barcas de passagem também só se encontram em certos pontos, e os aldeões que vão ou vem do trabalho descem á margem do rio, e, como se elle fora uma estrada, atravessam-n'o em qualquer direcção, procurando o caminho mais curto.

As mulheres das aldeias fazem o mesmo. Arregaçam as saias e cruzam-nas atando-as em nó com o que lhes dão um jeito de calças e passam a veia d'água sem receio e sem cuidado.

Que vão para o trabalho, ou d'elle venham, como aquella que se vê ao longe, arremangada, com o cesto de erva á cabeça e a machola de crista em cima; que vá para a feira ou para o mercado com o chapeo e as chinelas dentro da canastra, ou vá levar o jantar ao marido dentro do canastrel, acompanhada da pequerrucha, gorda e robusta de grossas contas e bentinhos ao pescoço, a perna robusta e bem feita, descoberta até quasi ás nadegas, o muitas vezes, se a agua é mais funda, até estas, corta a agua com um certo jeito particular para que esta não salte e salpique.

Quem discorre pelas margens do Mondego, do Vouga, do Minho e de muitos dos nossos formosos rios, tem gozado estas scenas singelas e agradáveis, e ouvido os gracejos que os aldeões dirigem ás cachopris bonitas quando caminham pelo rio.

A EXPULSÃO DOS JUDEUS RUSSOS

Nos meados de abril ultimo começou a fermentar entre o povo slavo uma surda indisposição contra os judeus e d'ahi a pouco em varias povoações do imperio do czar, essa indisposição tornou-se em odio e estourou em desordens serias sobre tudo em Elisabethgrad, e em Kieff.

N'esta cidade, uma das principaes do Imperio Russo, apesar da sua poderosa guarnição militar a revolta contra os judeus que começou em 4 de maio, dia da festa de S. Jorge, padroeiro da Russia, tomou serias proporções. Durante quatro dias os revoltosos atacaram e saquearam os bazares israelitas, mataram e feriram varios judeus, dando em resultado esta revolta, que só ao quarto dia a policia ponde suffocar, serem prezas 2:000 pessoas entre ellas 63 mulheres, ficaram feridos 187 judeus, mortos 3 judeus e 3 russos, saqueadas 500 padarias e 500 armazens de viveres, e fugiram de Kieff sua patria 16:000 judeus que se dirigiram logo para a Albania.

Parece que a Hespanha a'ro as suas portas aos judeus expulsos ou fugidos da Russia, e este boato tem tanta insistencia que já ha dias em Vienna d'Austria, n'um templo israelita, um pregador annunciou aos seus fieis esta noticia, pedindo ao seu Deus todas as benções para o rei e para a familia real hespanhola.

Não se sabe bem qual a origem do odio de repente manifestado tão cruelmente pelos russos contra os judeus, cre-se porem que a exaggeração da usura por parte da maioria dos judeus já ha muito tempo que trazia indignados os russos, e que essa indignação augmentou, expandindo-se, com o estado terrivel da agitação em que está agora toda a Russia, e com a accusação que pesou sobre os judeus, formulada pela opinião publica, de serem, elles fomentadores do nihilismo.

BARRA DE SETUBAL

Para além da costa sul do Tejo e 38 kilometros, ao S. E. de Lishon está a bonita cidade de Setubal, assento á margem direita do rio Sado que corre para o Oceano Atlantico.

A importancia d'esta pequena cidade maritima, que foi villa até 1860, e n'esse anno elevada á categoria de cidade por D. Pedro v. é bem notoria e conhecida quer no paiz quer no estrangeiro com quem entretém desenvolvido commercio.

Patria de um dos nossos mais inspirados poetas, Bugege, de um dos mais notaveis musicos modernos, o padre Serrão, assim como de muitos outros portuguezes illustres nas diferentes manifestações da intelligencia humana, a cidade de Setubal distingue-se pela sua importancia commercial no continente, que está logo emmediata á de Lisboa e Porto.

Em entrarmos na parte historica d'esta povo, que se conta d'este a mais remota antiguidade, e de que trataremos n'outra occasião, limitar-nos-hemos ao assumpto da nossa gravura, a que se seguirão algumas outras d'esta localidade.

Defrontando com Setubal está a celebrada Ceto-briga formando um amplo porto de mar que dá ancoradouro aos navios de maior lotação. Da entrada para este famoso porto a barra, que a nossa gravura representa, e que pelas ultimas sondagens feitas em 1876 accusa 3^m,96 a 4^m,27 na baixa mar e 7^m,01 a 7^m,31 na preamar.

A sua entrada é defendida pela torre do Outão e depois pelo castello de S. Filippe, já rio dentro.

Sendo o movimento d'este porto assaz consideravel, e devendo porisso dar rendimento sufficiente, para ser dotado com todos os melhoramentos que garantam a sua

navegação e o tornem cada vez mais accessivel, é um erro administrativo imperdoavel deixal-o quasi n'um estado primitivo.

A CAMPANHA DO TRANSVAAL

(Conclusão)

Successos extraordinarios e imprevisos precipitaram este acontecimento, o qual teve lugar a 13 de Dezembro de 1880 em Heidelberg, onde foi solememente aclamada a republica da Africa Austral, e convocado sem demora o seu parlamento ou *Volkstraad*, adjudicando-se a presidencia ao sr. Paulo Kruger.

Só então o governador do Transvaal Sir Owen Lanyon, que nenhum caso tinha feito das demonstrações ostensivas dos boers, reputando-as impotentes, só então comprehendeu, mas já tarde, a gravidade das circumstancias. Decidiu-se a empregar a força para restabelecer a ordem e encarregou o coronel Bellairs da direcção militar da nova campanha, ao mesmo tempo que pedia ao General Sir George Colley governador de Natal, todo o auxilio que podesse dar-lhe.

Os boers que estavam todos armados em guerra apoderaram-se de algumas cidades do Transvaal, cercaram outras entre as quaes Pretoria, Potchefstroom, Standerton, Leydenburg, e reuniram na fronteira de Natal a força necessaria para se opporem á marcha do general Colley. Esta força sob o commando de Piet Joubert, occupou os desfiladeiros de Laings Neck na cordilheira dos Drakensberg, e com tanta bravura se houve que tornou inuteis os energicos esforços tentados pelo general Colley á testa de uma expedição de pouco mais de mil homens de todas as armas, que tentavam penetrar no Transvaal e socorrer as cidades sitiadas.

Em fim de janeiro feriu-se a primeira batalha chamada de Laings Neck que foi o primeiro revez do general inglez. Em 8 de fevereiro tentando o general restabelecer as communicações interrompidas entre o acampamento e a sua base de operações, foi atacado e ferrotado nas margens do rio Ingogo. — Finalmente a 27 de Fevereiro tendo o general occupado a montanha de Majuba, a cavalleiro das posições dos boers, e reputando sua a chave do Transvaal, foi d'ali heroicamente desalojado pelos seus valentissimos antagonistas. Esta batalha que foi a ultima, decidiu da sorte da campanha. O general Colley perdeu a vida e com elle muitos dos seus soldados, e os restos da sua destroçada columna recolheram-se em tumulto ao acampamento.

Quando na Europa havia constado a noticia dos primeiros desastres, tinha sido sem demora organisado e expedido para Natal um grande reforço de tropas para afirmar a auctoridade abalada da Rainha na Africa Austral. Para commandar essa nova expedição foi escolhido o general Sir Evelyn Wood que servira durante toda a campanha da Zululandia e que depois acompanhara a ex-Imperatriz Eugenia na sua piedosa visita ao tumulo de seu infeliz filho.

O general Wood já estava em Natal na occasião da morte do general Colley. Logo que isto soube, prestou juramento como governador da Colonia e partiu para o theatro da guerra como immediato successor no commando do exercito. O general Wood poz-se logo em communicação com o secretario de Estado das colonias em Londres Lord Kimberley, por intermedio do telegrapho, e começou com o chefe dos boers a negociação de um armistício de sete dias que se celebrou a 7 de Março, e que tinha por fim esperar-se pela chegada do Presidente Brand da republica de Orange, e do presidente Kruger do Transvaal para ver se se podia assentar nas bases de uma paz permanente.

Pelas condições do armistício permitia-se ao general inglez enviar viveres para as guarnições das cidades sitiadas, mas por impossibilidade de se fazer isso no limitado praso estipulado, em consequencia da impraticabilidade

dos caminhos durante a estação das chuvas, prolongou-se o armistício até 21.

Durante essa prorogação, os chefes dos boers e o general Sir Evelyn Wood inspirado por Lord Kimberley, andaram com tanto acerto e prudencia, que a 21 e 23 se assentava n'um mutuo accordo ou convenio provisorio de paz entre os boers do Transvaal e o Governo Britannico.

Reconhecia-se n'esse convenio a independencia local do governo dos boers no Transvaal, sujeita contudo a certas restricções que ficariam para ser discutidas por uma commissão que mais tarde e mais a sangue frio estudaria minuciosamente esses assumptos.

Depois de assignada a paz foi o general Sir Evelyn Wood recebido no acampamento dos boers presenciando uma magnifica manobra de formatura de 3:000 cavalleiros em quadrado, e retirando-se estes para as suas habitações no dia 24 de março, dia em que ficaram evacuadas as formidaveis posições que elles durante quasi tres mezes com tanta abnegação e heroicidade haviam sustentado.

A nossa gravura, que publicámos em o numero anterior, representa a partida dos boers para o interior.

AUGUSTO DE CASTILHO.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Como as largas discussões sobre os variados assumptos que até aqui se haviam tratado no congresso, absorveram a maior parte do tempo, nas ultimas sessões pouco mais se fez do que ouvir a leitura de varias notas e memorias; outras apenas foram recebidas, porque nem houve tempo de as ler e só se conhecem pelas titulas.

Por isso aproximaremos as que podermos ou de que obtivermos nota, para acabarmos de dar conta dos trabalhos do congresso.

Continuando nos trabalhos de ethnographia, daremos conta que o sr. Henri-Martin apresentou da parte do sr. Alexandre Bertrand, conservador do museu nacional de S. Germano sessente photographias representando a *Triada ou trindade ou truidade*, sob as diversas formas que até hoje lhe tem sido reconhecidas. Lamentou-se porque um erro imprevisito o houvesse impedido de trazer consigo um trabalho publicado sobre este assumpto pelo sr. Bertrand, e alguns estudos pessoais, o que se suppria de algum modo com as photographias que ainda lhe chegaram a tempo. Tanto o sr. Henri-Martin, como o sr. Bertrand são de opinião que aquellas representações, dão testemunho de um systema mythico mais aproximado do antigo Oriente, do que da Grecia ou Roma, ainda que os romanos empregaram esforços para persuadir os gaulezes, de que os seus deuses não differiam realmente dos de Roma. Como se sabe os romanos acceitaram por politica muitos dos deuses dos povos que dominaram, interessando-os assim na sua vida, como querendo constituir de todas uma só nação. Esta politica serviu tambem a sciencia, porque levou os gaulezes a representarem as imagens dos seus deuses, que os antigos druidas não confiavam ao cinzel; o que apenas até ali se cantava nos poemas sacros, foi esculpido depois das invasões romanas. Exceptuam-se apenas as medalhas onde apparecem Belanos e Teutates-Ogurois.

A Triada gauleza mostra-se sob duas formas principaes: ora são tres cabeças reunidas n'uma só; ora tres figuras distinctas e associadas, ás quaes algumas vezes se addiciona uma quarta. As diversas personagens parecem ora eguaes, ora desiguaes; assim o grande deus de Reims que as sr.^{as} Bertrand e Henri-Martin creem ser Esus, está assentado com os seus attributos colticos entre Apollo e Mercurio de pé, que parecem seus subalternos; além d'isso uma grande deusa, chamada (Brecura, especie de Cybele-Ceres, está associada ao grande deus, e segundo parece, ostentando igualdade com elle, enquanto uma deusa mais pequena, parece como que sua filha e representar alli o papel de Horus na trindade egypcia. Sobre um altar, um deus tri-fronte está assentado entre duas outras divindades. Ao que parece, e os srs. Martin e Bertrand são d'essa opinião, a Triada achou-se aqui duplicada. Tambem são de opinião os dois illustres sahles que as tres principaes divindades gaulezas referidas por Luciano, Esus, Taranis e Teutates entram uma na outra por seus attributos e resolvem-se n'uma unidade de que Esus é o typo essencial. Os romanos impressionados da superioridade d'Esus, identificavam-n'o a Jupiter como certifica o altar de Paris.

Sobre este altar Esus em pessoa celebra o grande rito, a colheita do visco; sobre o altar de Reims apparece como o amo (pae nutricao) dos seres; a deusa (Brecura) parece ser o seu *padrão* feminino, como é Isis a O. ris.

Estas representações fornecem um elemento importante e novo á mythologia comparada, e ao estudo das idéas que envolvem os mythos; é muito de suppor que se devam encontrar novos elementos, agora que se fazem novas pesquisas n'este campo. O sr. Henri-Martin excita os sahles da peninsula Iberica a investigar se alguma coisa analogo se pode encontrar em Hespanha e Portugal.

O sr. Emilio Guimet, archeologo distincto e muito conhecedor das religiões orientaes insiste no interesse que apresentam os monumentos assignalados pelo illustre Henri-Martin. Resenhando rapidamente as transformações

que soffreu o symbolismo brahmanico notou que alli o deus tricephalo succedea ao grupo dos tres deuses.

O Sr. Paulo Bataillard enviou uma memoria: Os CIGANOS D'ESPANHA E OS CIGANOS DE PORTUGAL, a proposito da importação dos metaes na Europa pelos tsiganos. — Este archeologo tem dirigido as suas investigações com relação aquelle povo e tem chegado a resultados importantes, que se acham consignados em obras bastante notaveis, citaremos as seguintes:

Les derniers travaux relatifs aux bohemiens dans l'Europe orientale. — Paris 1872. — *Notes et questions sur les bohemiens en Algerie.* — Paris 1874. — *Sur les origines des bohemiens ou tsiganes avec l'explication du mot tsigan.* — Paris 1875. — *Les tsiganes de l'age du bronze.* — Paris 1876. — *Etat de la question de l'existence des tsiganes en Europe.* — Paris 1877. — *Les Zlators dits aussi Dzvonkova, tsiganes fondeurs en bronze, et en l'aiton dans la Galicie orientale et la Bukovine.* — Paris 1878. — *Sur les anciens metalurges en Grèce.* — Paris 1880. — *Historique et preliminaires de la question de l'importation du bronze dans le nord et l'occident de l'Europe par les tsiganes.* — Paris 1880.

Na memoria apresentada no Congresso recorda o sr. Bataillard os trabalhos publicados com relação aos tsiganos e os resultados das suas proprias investigações proseguidas ha trinta e cinco annos. Aproximando e ligando os tsiganos aos sygnios d'Herodoto, que este historador colloca sobre as margens do Danubio, aos sygnios que Homero dá como estabelecidos na ilha de Lemnos, e tambem ás hordas cabiricas que a antiguidade grega conheceu na Asia menor, nas ilhas do Mediterraneo oriental e na peninsula dos Balkans, nota que esta raça dada ao trabalho dos metaes, parece ser a dos artefices pontados que, segundo os archeologos, teriam introduzido o bronze na Europa.

Passa depois o auctor uma revista aos documentos conhecidos relativamente aos ciganos ou gitanos d'Españha que são pouco numerosos, ao menos os que elle conhece. Não tendo encontrado esclarecimento ou noticia alguma publicada em Portugal, desejava ser esclarecido pelos sabios do paiz.

A appareição e as origens ou principios dos gitanos na Peninsula Iberica, o caminho que seguiram para penetrar n'ella (provavelmente o do littoral africano) as ceremonias do casamento, nomeadamente o facto da desfloração das virgens pelas matronas, os nomes dados pelos gitanos aos povos estranhos á sua raça, e o seu proprio nome, tudo chama a attenção dos sabios e archeologos portuguezes e hespanhoes. Pertence-lhes estabelecer a *etnologia ethnographica*, todos os pormenores exteriores da vida dos gitanos, e estudar principalmente as suas industrias, sua vida intima, suas tradições, seus costumes, suas superstições e o seu dialecto.

O sr. José Galdas, que ha alguns annos tem dedicado a sua actividade aos trabalhos de archeologia, apresentou uma nota ou memoria — *Estudos paleontologicos, anthropologicos e archeologicos da provincia do Minho.* — Este trabalho tem a vantagem de chamar a attenção dos archeologos para um campo ainda pouco explorado, e que já o de via ter sido ha muito tempo. Começa o auctor por uma resenha de alguns pontos das cosmogonias antigas, em seguida ao que faz um resumo rapido dos progressos da paleontologia. Seguindo depois as generalidades conhecidas da sciencia, refere que o norte de Portugal possui tambem grande numero de logares chamados *Antas*, nome que os romanos applicaram a toda a especie de pilar ou columna levantada em face dos tempos. Depois na idade media deu-se este nome a qualquer pedra levantada á borda dos caminhos ou nos limites dos territorios (Vej. Viterbo. *Eticid. Verb. Antas*). Do IX ao XIII seculo apparece tambem o nome de *mamoas* ou *mã mamoas* que o latim barbaro de então traduz por *mammula* palavra que serve para designar tola a proeminencia (Vej. Viterbo. *Eticid. Mamoas*), ou pequena collina de forma arredondada, semelhante ao peito da mulher, e que se diz terem servido para limitar os campos, algumas estradas, ou o territorio occupado por varias hordas.

Por esta occasião lembramos que pela região que se estende desta Souto Redondo até o Vouga, ha muitos destes monumentos que deviam ser explorados. Entre aquella povoação e S. João da Madeira ha até um sitio elevado conhecido pela designação de *Alto das mamoas*, e em torno da Albergaria Velha ha tambem quantidade d'estes monumentos e até um sitio chamado *Vale da mamoas*, naturalmente por alguma notivel que alli existe ou existiu. E de crer que o desenvolvimento dos conhecimentos archeologicos levem alguns homens instruidos, d'essas localidades ou de fóra, a proceder a estudos de exploração n'ellas.

O auctor pas a á descripção de alguns d'estes monumentos que se encontram na bacia d'Ancora. O dolmen de Barroza está collocado na extrema de uma pinhaes que cobrem uma chapada de pequena extensão a 1500 metros de Gontinhães, concelho de Caminha. Domina um pequeno tumulus, cuja base está rodada de algumas pedras. Uma grande lago de 3^m,50 desce sobre tres pedras de cada lado, havendo ainda duas junto á entrada; a altura media é de 1^m,53; a pedra do fundo tem 2^m,3. A espessura media é de 25 metros, tendo a camara apenas 2^m,50 por tres metros de capacidade. Percebe-se perfeitamente que esteve outrora occulta sob um tumulus.

Este dolmen está em ruínas; outro, o de Trayão, está destruido, mas continha um machado de diorite.

Depois de o auctor ter indicado os trabalhos do sr. Martins Sarmiento nas *Citánias* de Brito e Sabroso indica uma nova estação do mesmo genero, onde ainda se não fizeram pesquisas serioamento, e cuja importancia deve ser grande. Fica a 960 metros ao norte do monte de Santa Luzia. O auctor, segundo o sr. Cartailhac, deu-lhe o nome errado de estação rhodaniana de Santa Luzia. Já se tem all encontrado pedras com cavidades artificiaes. Ao NNO está a oppidum (a povoação) occupando um espaço consideravel, e mostrando já a descoberto pelo menos doze casas. É limitada pelos

accidentes naturais do terreno, ou por uma muralha de dois metros, bem distincta ainda. Nas construcções das casas reconhece-se bem distinctamente a disposição diagonal denunciando um trabalho cuidadoso; os muros são verticaes. Alguns objectos encontrados e descriptos cuidadosamente pelo auctor não offerecem por enquanto muito interesse, são apenas fragmentos de louças assaz recentes.

A memoria é acompanhada de estampas e plantas coloridas que o sr. Cartailhac diz serem de rara perfeição.

Dando todo o louvor ao joven archeologo, faz-nos esta sua primeira tentativa esperar, mais pacientes, profundas e proficuas observações;

(Continúa.)

R.

UMA RECORDAÇÃO DE NOSSOS PAES

Meu padrinho era um homem bastante instruido; possuia um espirito esclarecido e avantajava-se pela forma pittoresca e agradável com que revestia um acervo de contos e pequenas narrativas que, a todo o momento e a proposito de tudo, desfechava nos amigos e conhecidos.

Era um velho muito jovial e extremamente estimado.

Fizera parte da divisão das tropas portuguezas que, sob o commando do general marquez d'Alorna, marchou nos principios de abril de 1808 para Salamanca e mais tarde para França. Entrou em muitos combates e acções e foi um dos raros portuguezes que logrou voltar da memoravel e desastrosa campanha da Russia.

Que preciosas narrações elle fazia das jornadas e batalhas em que tomou parte! Que interessantes episodios nos contava de tudo quanto presenciara nas terras estrangeiras!

Baixou ao tumulo sem que a patria lhe recompensasse os seus relevantes serviços, principalmente os que ultimamente havia prestado em favor da causa liberal!

Esta geração de heroes jaz toda, ou quasi toda, no repouso dos tumulos, deixando apoz de si memoria indelevel dos feitos immortaes com que nos preparou a aurora, em que hoje brilha o facho das nossas liberdades.

Quando em 1841 falleceu este anciao na formosa cidade de Santarem era eu muito moço; não podia ainda dar valor ás suas interessantes historias. Assim apenas se me gravou na lembrança a que lhe era mais intima e annuviava o rosto sempre que d'ella fazia a narração aos seus particulares amigos.

Tratarei de reproduzi-la com a fidelidade que m'o permitir a reminescencia:

Em novembro de 1811, estando o meu regimento de guarnição em Epinal, capital do departamento dos Vosges, fui acommittido de uma grave enfermidade, sem duvida, devida ás continuas marchas e combates que tiveram lugar durante a prolongada campanha de 1808. A pedido meu e conselho dos medicos do meu regimento, foi-me permitido ir convalescer em Paris, onde estavam alguns officiaes portuguezes, aos quaes o imperador Napoleão mandára dar alojamento no famoso quartel da guarda imperial, denominado *Ave Maria*, junto á margem do Sena.

A vida inactiva trouxe-me o aborrecimento e com elle esse soffrimento peculiar a quem se vê forçado a residir longe da patria: a nostalgia. Que longos dias! Que interminaveis noites! Que tristes pensamentos me assaltavam! Era angustiosa a lembrança das desventuras do meu paiz, talado pelos exercitos inimigos e destruido ainda mais pelos alliados que, em favor exclusivo dos seus interesses, mostravam pretender arrancar-o ao furor de estranhas ambições.

Minha mãe e uma das minhas irmãs haviam fallecido durante a minha ausencia; e o sopro da destruição passára por cima da face d'este pobre Portugal, no qual campeavam desassombadamente a fome e todos os attributos da miseria. Faziam-se os preparativos para a campanha da Russia e com elles me fugia a esperanza de voltar á patria.

Certa tarde dirigí, como costumava, o meu passeio por um dos caes do rio, em companhia de um meu camarada, official do meu antigo

regimento — cavallaria 10. — Raras palavras trocavamos, porque o espirito ia absorvido pela lembrança dos entes queridos que na terra natal aneciavam pela nossa volta ao lar da familia. Anoteceu e antes de recolhermos ao quartel entramos n'um café. Ali encontrámos alguns officiaes nossos patricios, que nos convidaram a passar a um gabinete onde se jogava. Precisava distrahir, joguei e depois de deixar nas mãos do banqueiro o pouco dinheiro que levava, sahi com o meu companheiro.

No dia immediato repeti a mesma distração, com igual successo. O acaso, que ali me levára, tornou-se em habito e mais tarde, necessidade cruel. Contra o meu desejo, horrificado mesmo do meu proceder, via-me fatalmente arrastado para a voragem do jogo, esse vicio infernal ao qual se sacrificava os haveres das familias, o decoro, a honra e a dignidade. Depois de perder as poucas economias que durante tres annos havia reservado para tirar da miseria meus velhos paes e minhas desditosas irmãs, só me restava o deposito de dinheiro que o capitão Carlos de Mendonça me confiara no dia immediato ao da batalha de Wagram quando, varado por uma bala no peito, estava prestes a entregar a alma nas mãos do Creador.

Era sagrado para mim aquelle deposito; pedia a honra que o entregasse intacto á familia d'este mallogrado official. Uma vez que havia deixado na banca do jogo a ultima moeda que possuia voltei para casa com o espirito desvaivado. Atirei-me para cima de uma cadeira. O desalento condemnou-me á mais completa immobillidade e assim permaneci bastante tempo, mas de repente, como que movido por uma mola invisivel, ergui-me; abro uma gaveta e aposso-me freneticamente da caixa que continha o dinheiro confiado á minha guarda. Se este dinheiro me salvasse!

D'esta vez o sentimento do dever tomou o passo á paixão ruim que me desatinava; envergonhei-me de mim proprio! Guardei de novo o cofre e para me conciliar com a consciencia, protestei que no seguinte dia iria depositar-o em casa de um banqueiro.

Depois de uma terrivel noite de somno agitadissimo ergui-me; fui ao quartel receber ordens do official commandante do deposito — dirigí-me ao correio em busca de noticias de Portugal e da minha desditosa familia e d'ali encaminhei-me para a residencia de mr. Ferdinand Lafite, banqueiro francez, que mantinha relações commerciaes com Lisboa. Sahira para fóra de Paris e sómente recolheria a casa á noite ou no dia immediato. Voltei lá e esperei no escriptorio quasi duas horas. Desenganado de que não viria sahi, guardando comigo o dinheiro que procurava entregar-lhe.

A fatalidade arrastou-me ainda uma vez para a casa do jogo. Por muito tempo observei a sorte e os azares dos miseraveis que obedecendo a uma paixão implacavel iam all dissipar o pão de seus filhos.

Com os braços cruzados no peito apertei o thesouro que não pude deixar em logar seguro. O capricho da sorte sorriu durante alguns minutos para aquelles que disputavam o ouro acastellado em frente do banqueiro. Sahiu uma carta que

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Ave por ave o carceiro se vos-so.

enfeitou quasi todos os jogadores. Seu dar tempo é mais curta reflexão e com o presentimento do ganho certo, impreterível e incontestável, atirei para a mesa com o dinheiro que, momentos antes, disputaria com o mais grave risco da vida. Perdi!

Por muito tempo fiquei pregado no lugar em que estava e só quem houver passado por transes tão angustiosos poderá avaliar o estado physico e moral em que o homem se acha quando se vê irremediavelmente aniquillado perante Deus, perante os homens e o tribunal da sua consciencia.

Ha excessos de infortunio que não deixam outro recurso ao homem se não a morte!

Sahi d'aquella casa de perdição e ao acaso encaminhei meus passos. Machinalmente percorri ruas intermináveis, não sei por quanto tempo. Cheguei a uma ponte. Era a ponte de Neuilly. Alquebrado pela dôr cruciante do coração e pela fadiga, sentei-me junto á grade. A febre escaldava-me o cerebro.

Lá em baixo desliza socagadamente o Sena. D'ali medi com os olhos a altura das aguas e com o espirito perturbado e enfermo a profundidade que me levou ao crime. Ha 157 annos, disse para comigo, que n'estas aguas esteve para ser arreinesado pelos cavallos da sua carroagem um dos homens a quem as letras e sciencias devem os mais assignalados serviços: Pascal. A vida d'este piadoso homem era preciosa á França e á humanidade; a minha seria a eterna vergonha, o supremo martyrio.

(Continua)

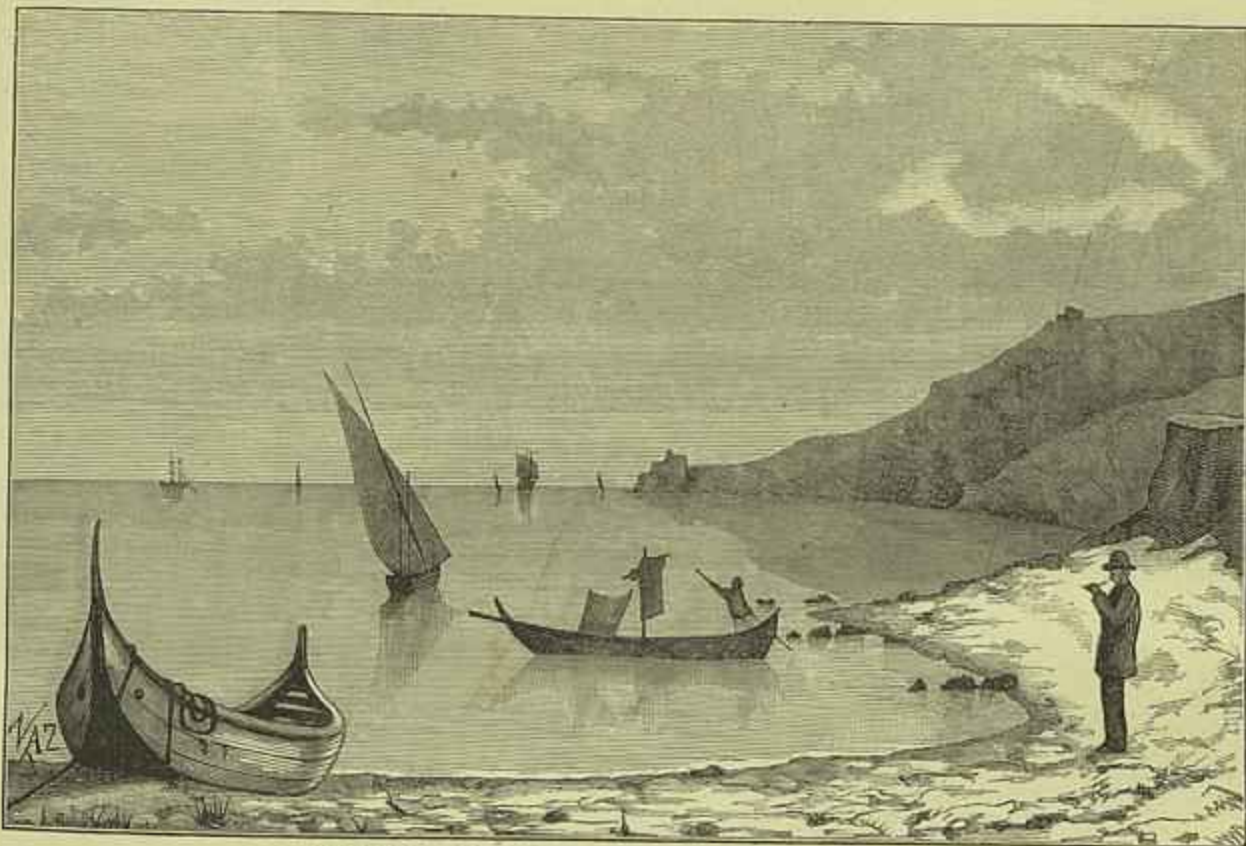
M. ALVES DE SOUSA.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

CAMINHO DE FERRO ELECTRICO

Já no nosso 3.º volume, n.º 58, pag. 79, deu o sr. Benevides a descripção da locomotiva electrica de Siemens, daremos agora noticia da applicação d'aquelle invento a uma via de comunicação entre Lichterfeldt, nos suburbios de Berlim e a escola dos Cadetes. Os nossos leitores recorrendo áquella descripção podem formar idéa de como é gerada e transmittida a electricidade, como se estabelece o circuito, acrescentando nós apenas que uma carruagem pelo systema das empregadas nos nossos caminhos americanos, funciona sob aquelles principios, e que a corrente pode ser interrompida por uma alavanca que o director ou conductor do carro pode mover. O caminho hoje estabelecido tem dois kilometros e meio de extensão e os resultados praticos são tão importantes que vão estabelecer-se outras linhas d'este systema.

R.



SETUBAL—VISTA DA BARRA (Desenho do natural por J. Vaz)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

DE BEIGUILLA AS TERRAS DE JACCA, Expedição Organizada pelo Governo Portuguez nos annos de 1877-1880, por Hero ençilido Capello e Roberto Ivens—Imprensa Nacional, Lisboa.—Estão publicadas as primeiras 210 pa-

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ.—por Francisco d'Almeida.—Editor Livraria Zeferino, Lisboa. Fasciculos n.ºs 23 e 24 de 48 paginas em folio cada um por 400 réis. Continua sabindo regularmente esta obra que mais de uma vez temos recommendado, como uma das mais notaveis publicações da actualidade.

O SEGREDO DO SR. LUBIN.—Romance da collecção Lubin & C.ª, traducção de Cunha e Sá.—Editor Empresa Horas Romanticas, Lisboa. É dos melhores romances que esta empresa tem editado e a traducção é perfeita.

COIMBRA MEDICA.—Director Augusto Rocha, editor José Diogo Pires, Coimbra. 1.º anno n.ºs 13 e 14. Publicação muito regular e de muito interesse, especialmente para a classe medica.

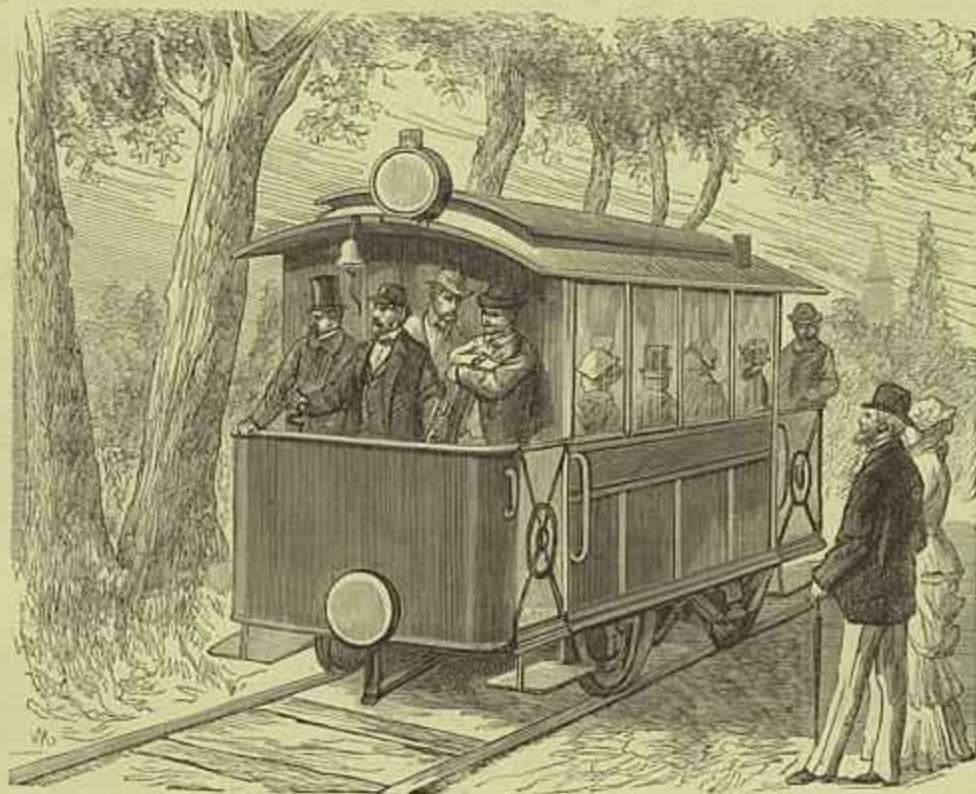
O POSITIVISMO.—Dirigido por Theophilo Braga e Julio de Mattos.—3.º anno n.º 4. Editor Magalhães & Moniz, Porto. Esta publicação, collaborada por escriptores de provada capacidade, recommenda-se pela importancia dos seus artigos altamente instructivos.

O POVO ILLUSTRADO.—1.º vol. Ideia geral sobre sciencias positivas.—2.º vol. O ceu e suas maravilhas.—Edição de Ferreira de Brito, Porto. Estão publicados os dois primeiros livros d'esta Bibliotheca de pequenos volumes a 50 réis, que tambem se destina á educacão do povo.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS.—Astronomia popular, illustrada com 15 gravuras.—Lisboa, David Gorazzi, editor, Empresa Horas Romanticas, 40, rua da Atalaya, 52, 1881.—É o decimo livrinho d'esta util collecção, e que como os precedentes tendo a espalhar o conhecimento de um dos mais importantes ramos, do saber. Todos ollam, especialmente de noite, o que se chama vulgarmente a abobada dos ceus, e a maior parte da gente tem noções falsas inexactas, do que vê por cima de sua cabeça. Uma estrella cadente, o apparecimento de um cometa, um eclipse, tudo os apavora, por não saberem que são factos tão certos, subidos, e previstos como o nascimento e a morte dos animaes, a fructificacão das plantas, etc. Espalhar estas noticias para que se dissipem essas trevas do espirito e os sustos, infelizmente, ridiculos do povo é um grande serviço.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
5, Rua do Thesouro Velho, 6



CAMINHO DE FERRO ELECTRICO EM LICHTERFELDT

ginas d'esta importante obra de que os nossos leitores já tiveram uma amostra, nos artigos publicados no OCCIDENTE com o titulo Viagens de Exploração na Africa Equatorial pelos sr. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens que dão uma idéa geral sobre a importancia scientifica e commercial d'esta viagem e algumas das suas peripicias mais notaveis.

Aguardamos, portanto, a conclusão da obra para fazermos a sua apreciação, como nos cumpre, a trabalho de tanta importancia e tanta gloria para Portugal.

Este livro está-se publicando por assignatura em entregas de 80 paginas ao preço de 600 réis.

PEREGRINAÇÃO DE CHILDE HAROLD.—Poema de lord